



Da interação à interlocução discursiva: a subjetivação do leitor em comentários de blogs de divulgação científica

Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Estrada do Bem-Querer, km 04, 45083-900, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. E-mail: cortesgr@gmail.com

RESUMO. Neste artigo, analisamos a interlocução discursiva instituída no discurso de divulgação científica do ScienceBlogs Brasil. O estudo filia-se teoricamente aos pressupostos da Análise do discurso: Pêcheux ([1975] 2009, [1969] 2010a), Orlandi (2004, 2011, 2012), Grigoletto (2011), Indursky (2013), entre outros. O corpus foi constituído por comentários publicados pelos leitores dos blogs. Os resultados mostram que uma tensão é instaurada, pois o leitor, inscrito no lugar discursivo de autor, ocupa distintas posições-sujeito, as quais se confrontam com a posição-sujeito que lhe é projetada, qual seja, a de consumidor de informações científicas. Assim, no processo discursivo, instaura-se a falha no ritual através da passagem da interação, imposta ao leitor do blog, para a interlocução discursiva.

Palavras-chave: comentários de blogs; divulgação científica virtual; efeito-leitor.

Interaction out to discursive interlocution: the reader's subjectivation in the comments of scientific divulgation blogs

ABSTRACT. This article aims to analyze the discursive interlocution process established in the scientific divulgation discourse of Brazilian blogs - ScienceBlogs Brasil (Sb.br). This study aligns itself to theoretic findings on the of Discourse analysis (Pêcheux, [1975], 2009, [1969] 2010a; Orlandi, 2004, 2011, 2012; Grigoletto, 2011; Indursky, 2013, and others). The *corpus* was built through postings and comments done by readers of these blogs. The data analysis shows that a tension is established, since the reader inserted itself in the discursive place as an author, assuming distinct subject-positions, which are confronted by the scientific-illiterate reader's effect together with the subject-position projected to itself, who is one of the scientific information consumers. Consequently, in the discursive process, a gap is established within the interaction route imposed to the blog reader for the discursive interlocution.

Keywords: blogs comments; virtual scientific divulgation; reader's effect.

Introdução

Neste artigo, analisamos o processo de interlocução discursiva instituído no discurso de divulgação científica (DDC) do ScienceBlogs Brasil (2009), mobilizando esta noção de forma distinta do processo de interação. Nosso intuito é, também, compreender a relação do sujeito leitor com o efeito-leitor constituído no DDC, bem como verificar o funcionamento das diversas posições-sujeito – intrinsecamente aos lugares discursivos – do sujeito leitor, comentarista dos blogs de divulgação científica do Sb.br.

Para esta análise, mobilizamos, além dos pressupostos da Análise do discurso (AD) de filiação pècheuxiana sobre a leitura, a noção de 'interlocução discursiva' teorizada por Indursky (2013)¹ e retomada por Grigoletto (2011), como

também a teoria da 'enunciação digital' preconizada por Xavier (2009).

Leitura discursiva, condições de produção e circulação: breves considerações

Conforme Pêcheux ([1975] 2009, [1969] 2010a), a AD constitui-se em uma nova forma de ler as materialidades. Ela busca estabelecer as relações, conjunções, dissociações entre as materialidades, visando reconstruir o espaço da memória de um corpo sócio-histórico de traços discursivos. O sujeito, interpelado ideologicamente, afetado pela história e pelo inconsciente, se inscreve na língua, sendo esta constituída da falha, do equívoco. A relação entre a ideologia e a língua afeta a constituição do sujeito e do sentido, que se

¹ A 'interlocução discursiva' é uma noção desenvolvida pela autora para analisar o discurso dos presidenciais instituídos durante o período da ditadura militar

brasileira (1964-1985). Posteriormente, Grigoletto (2011) retomou essa noção para analisar o discurso pedagógico inscrito em Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

constituem mutuamente, e isto nos conduz ao entendimento do discurso como efeito de sentidos entre interlocutores (Pêcheux, [1975] 2009).

Nessa visão, a leitura se distancia da descrição hermenêutica, é um ‘trabalho do sentido sobre o sentido’; todo enunciado pode tornar-se outro, pode haver deslocamentos e deriva de sentidos (Pêcheux, 2008), graças à heterogeneidade das formações discursivas (FDs), permitindo, assim, a movimentação dos sujeitos no discurso.

A noção de formação discursiva é central no arcabouço teórico da AD, e foi, inicialmente, teorizada por Foucault ([1969] 2012). Na visão desse autor, as práticas discursivas de um dado domínio discursivo são determinadas no funcionamento do jogo de relações dos elementos dos sistemas de dispersão, a partir dos quais se podem discernir as regularidades de uma formação discursiva. No entanto, Foucault não considera a ideologia em seus pressupostos sobre a FD.

Pêcheux e Fuchs ([1975] 2010), a partir da teoria foucaultiana, ressignificam o conceito de FD pelo viés da teoria não-subjetiva do sujeito e da noção de ideologia althusseriana, articulada à noção de condições de produção. Segundo os autores, as formações ideológicas comportam várias formações discursivas que funcionam interligadamente. Logo, as FDs “[...] determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura [...]” (Pêcheux e Fuchs, [1975] 2010, p. 164). Para os autores, as FDs intervêm nas formações ideológicas, por isso elas também se constituem num jogo de relações, mas relações ideológicas, relações de classe. Desse modo, na visão pêcheuxiana, as palavras e as proposições recebem seu sentido das formações discursivas onde são produzidas.

Posteriormente, Courtine (2009) apresenta uma releitura da noção de FD a partir do pensamento de Foucault e de Pêcheux, reconfigurando essa noção teórica, ao preconizar que o interdiscurso dominante de uma FD determina as condições de produção de uma sequência discursiva. Desse modo, o conceito de FD deve levar em conta a correlação – contraditória – de dois níveis distintos constitutivos de duas formas de existência do discurso enquanto objeto: o nível do enunciado, situado em uma posição ‘vertical’ ou interdiscursiva, e o nível da formulação, que se situa numa rede ‘horizontal’ ou intradiscursiva. Conforme o autor:

[...] a inscrição de um enunciado num conjunto de formulações – como ‘um nó em uma rede’ – deverá ser caracterizada a partir de uma pluralidade de

pontos, constituindo, ao redor de sequências discursivas tomadas como ponto de referência, uma rede de formulações extraídas de sequências discursivas, cujas condições de produção serão, ao mesmo tempo, ‘homogêneas e heterogêneas’ em relação à sequência discursiva de referência (Courtine, 2009, p. 90, grifo do autor).

Desse modo, a heterogeneidade é constitutiva de uma FD, cujas fronteiras são instáveis, tendo em vista as ‘falhas do ritual’ (Pêcheux, [1975] 2009), que possibilitam a movimentação do sujeito no discurso.

As condições de produção da leitura no *ScienceBlogs* Brasil

A escrita e a leitura, empiricamente, se constituem em processos distintos, mas, na perspectiva da AD, consideram-se não somente as suas condições de produção, como também as suas condições de circulação. Melhor dizendo, a leitura também se processa em condições de produção e circulação determinadas historicamente, dadas as relações de poder instituídas na sociedade. Toda leitura tem sua história, e esta envolve tanto a história dos textos como a história das leituras dos leitores (Orlandi, 1988). A história das leituras atrela-se também à história da sua legitimação, das censuras, assim como à história dos movimentos de resistência aos sentidos já ditos, já instituídos na história e na memória.

Quanto ao Discurso de divulgação científica (DDC), este é constituído de gestos de interpretação, portanto, não se trata de uma tradução, pois envolve a mesma língua (Orlandi, 2001). Para Grigoletto (2005), o DDC é um discurso intervalar, constituído pela interpretação e (re)atualização do discurso científico pelo viés do discurso do cotidiano.

O DDC virtual funciona em condições de produção específicas, é textualizado por materialidades eletrônicas e digitais, no hipertexto *online*. Todavia, como todo processo discursivo, é tecido por gestos de interpretação, sofre determinações do interdiscurso e da memória discursiva. O DDC, objeto desta análise, se inscreve em blogs abrigados na blogosfera² *ScienceBlogs* Brasil.

O *ScienceBlogs* Brasil – rede de blogs de divulgação científica – é um espaço institucional e empresarial (vide Figura 1) integrante de um site maior, o *ScienceBlogs*: ciência, cultura, política, e se apresenta como um canal de popularização da ciência, conforme aponta a sequência discursiva SD1, constituída de um fragmento do *post* sobre:

² A *blogosfera* é um termo usado para designar um site que hospeda e comporta blogs de áreas de interesse comum.

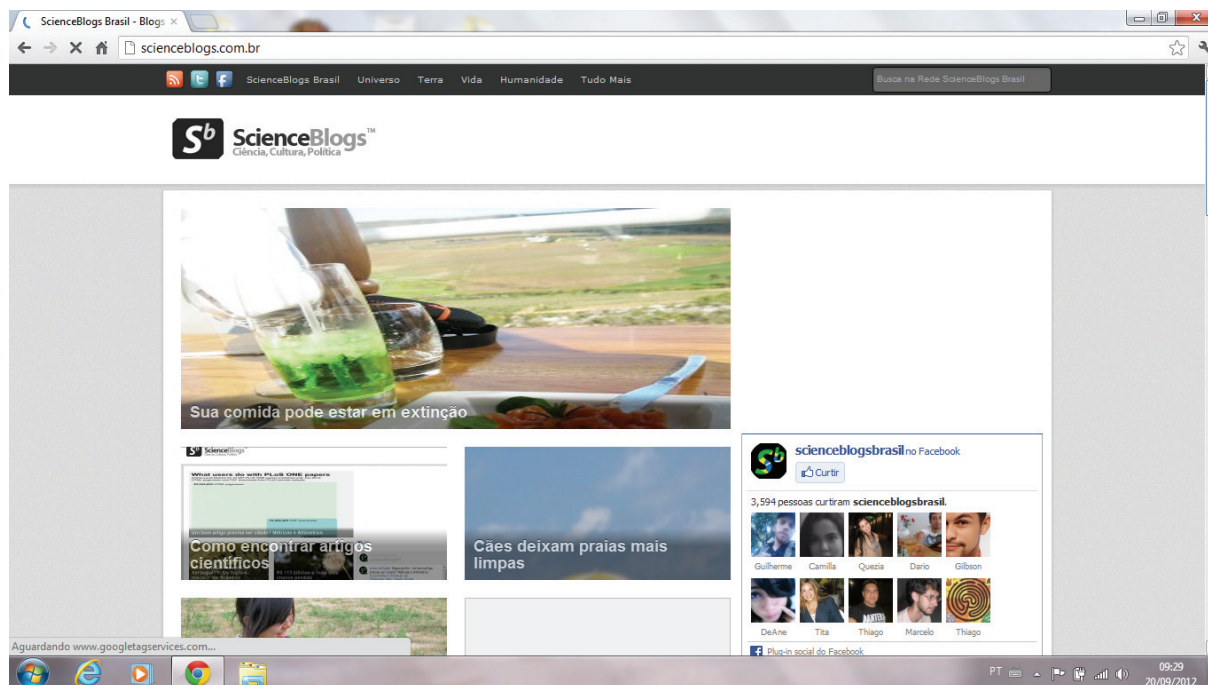


Figura 1. ScienceBlogs Brasil – página inicial. Fonte: Scienceblogs (2009)

SD1 - O *ScienceBlogs* Brasil nasceu em agosto de 2008 com um outro nome: 'Lablogatórios, um projeto pessoal de dois cientistas' que ganhou proporções internacionais. Em uma época onde temas como mudanças climáticas, biocombustíveis, AIDS, doenças tropicais, células-tronco são discutidos diariamente, a divulgação científica se faz cada vez mais necessária. '*ScienceBlogs* Brasil tem o desafio adicional de discutir e popularizar Ciência em um país³ em desenvolvimento no qual o analfabetismo científico predomina'. Trabalhamos para que a comunidade formada em torno do *ScienceBlogs* Brasil atue na dispersão do pensamento científico, e ficamos à disposição para levar à frente projetos e iniciativas quebrando as barreiras que afastam nossa sociedade da Ciência⁴ (*ScienceBlogs* Brasil, 2009, grifo nosso).

Nessas novas condições, na era digital e virtual, a ciência é interpretada predominantemente por cientistas, que enunciam tanto do lugar social da academia/universidade, quanto da internet e dos blogs. É a ciência interpretando a si mesma pela mediação dos blogs. O termo Lablogatórios (SD1) – fusão dos termos laboratório e blogs – cria um efeito de relação direta da ciência e do cientista com o leitor, mascarando a mediação. O laboratório,

imaginariamente, representa um lugar de legitimidade científica, e assim, cria-se também um efeito de legitimidade científica ao Discurso de divulgação científica (DDC) dos blogs.

E, ao falarmos da leitura praticada no ciberespaço e nos blogs, devemos levar em conta não apenas as mudanças tecnológicas que afetam o modo de ler, mas também as determinações históricas das leituras e ao mesmo tempo a história de tais determinações. Isto implica considerar o funcionamento contínuo da ideologia e da memória no espaço/tempo da *web*; há de se considerar a historicidade, a exterioridade inscrita nos dizeres, no confronto com dizeres já ditos ou não ditos, já lidos, bem como rememorar outros também já esquecidos.

As relações instituídas entre os interlocutores são, segundo Orlandi (2011), um dos importantes elementos de constituição da produção da leitura, pois é no confronto de interlocuções que se instaura o processo da discursividade.

O texto, por seu turno, sempre remete a outros textos já ditos, já escritos, por isso o início e o fim de uma construção textual são apenas um efeito (Indursky, 2009, 2010). Pode-se vislumbrar o gesto da costura dos recortes da memória como o gesto pelo qual se instaura o funcionamento da autoria, mas o fechamento dessa costura é apenas um efeito discursivo.

O efeito-início e o efeito-fecho produzem a unidade imaginária de um texto, cuja origem e finalização residem no sujeito autor, uma ilusão

³ Nos blogs, alguns *posts* não utilizam a norma culta da língua. Ressaltamos que, ao proceder a constituição do *corpus* da pesquisa, os textos foram copiados conforme se encontram no original.

⁴ Disponível em: <http://scienceblogs.com.br/sobre/>. Acesso em março de 2013. Embora o leitor possa encontrar diferenças nos textos publicados nos blogs atualmente, dada a dinamicidade que caracteriza o hipertexto *online*, decidimos manter as sequências discursivas com recortes de *posts* coletados na mesma época da constituição do *corpus* da pesquisa (nesse caso, ano de 2013), já que as análises foram realizadas com base nesse *corpus*.

necessária e constitutiva do sujeito. Assim, a unidade e uniformidade, a lisura do texto são também efeitos construídos pelo apagamento das linhas e marcas da costura dos recortes do interdiscurso e da memória, tal como os gestos de raspagens da escrita e reinscrição que se operavam no palimpsesto. Para melhor entendermos esse funcionamento, vejamos o que Ferreira (1986) nos diz sobre significados do verbete palimpsesto:

Palimpsesto [do gr. palímpsestos, ‘raspado novamente’, pelo lat. palimpsestu.]. S.m. 1. Antigo material de escrita, principalmente o pergaminho, usado, em razão de sua escassez ou alto preço, duas ou três vezes, mediante raspagem do texto anterior. 2. Manuscrito sob cujo texto se descobre (em alguns casos a olho desarmado, mas na maioria das vezes recorrendo a técnicas especiais, a princípio por processo químico, que arruinava o material, e depois por meio da fotografia, com o emprego de raios infravermelhos, raios ultravioletas ou luz fluorescente) a escrita ou escritas anteriores (Ferreira, 1986, p. 1021, grifo do autor).

Desse modo, pensamos o hipertexto como um grande ‘palimpsesto eletrônico’ e discursivo, pois é constituído de recortes da memória, é tecido de forma não-linear, uma construção feita de muitas camadas, no qual e por meio do qual muitos efeitos de sentidos são produzidos, inclusive o efeito-leitor.

Tal costura não para, mas continua nas mãos do sujeito leitor. Este, por sua vez, também assume o lugar de autor – afetado pela história, pela memória, pelo inconsciente – num percurso inverso. Realiza-se, assim, uma costura ao avesso para instaurar o gesto de interpretação, num jogo contínuo de desfazer as linhas, nós e pontos dessa costura e efetuar novas tessituras. Tal processo implica um gesto de desarrumar, destrinçar cada fio, peça e retalho desse texto para (des)construir efeitos de sentidos. Logo, o texto é tecido por muitas mãos, sendo estas afetadas pelo já-dito, tendo uma rota já instituída, mas uma rota que permite o escape, graças ao equívoco da língua, possibilitando a (re)inscrição das discursividades e a movimentação dos sentidos.

Interação e interlocução discursiva: uma relação de tensão instituída entre o efeito-leitor e a subjetivação do leitor

Segundo Pêcheux ([1975] 2009), o efeito-leitor – noção central na teoria discursiva da leitura – é constitutivo da subjetividade e seu funcionamento se caracteriza pela dissimulação necessária das condições de sua existência para o próprio sujeito. Assim, a constituição do efeito-leitor se dá pelo viés

do esquecimento de nº 1, ou seja, pela ilusão necessária do sujeito como fonte de seu dizer e dos sentidos. Conforme Orlandi (1988), o efeito-leitor se institui relativamente à posição sujeito, mas toma a noção de lugar apenas no sentido de lugar social.

Todavia, às considerações de Orlandi (1988) acrescentamos que o efeito-leitor funciona não somente em relação ao lugar social e à posição do sujeito autor e leitor, mas também de modo intrincado ao lugar discursivo – noção teorizada por Grigoletto (2005), segundo a qual, lugar social e lugar discursivo são constituídos mutuamente e um produz efeito no outro.

O mecanismo imaginário tem relevante participação no funcionamento do efeito-leitor: é pelo viés das projeções imaginárias que os sujeitos passam das situações empíricas para as posições discursivas, como esclarece Orlandi (2012). Nessa trama, o efeito-leitor não somente é produzido a partir de um lugar, melhor dizendo, das relações estabelecidas entre lugar – social e discursivo – e posições-sujeito, como também pode projetar posições-sujeito para o leitor. Entendemos, pois, a noção de efeito-leitor como unidade imaginária do sujeito e do sentido lido (Orlandi, 2001), logo, um efeito-sujeito, um efeito-leitura.

Segundo Cortes (2015), o efeito-leitor se institui e funciona no jogo de relações de lugares sociais, lugares discursivos e posições-sujeito, ao mesmo tempo em que também é efeito desse jogo de relações, um jogo mobilizado pelas antecipações imaginárias, afetadas pelo interdiscurso e pela memória. No entanto, o efeito-leitor projetado pode ser ratificado ou desconstruído; pode haver a cumplicidade ou o confronto, conforme a movimentação dos sujeitos e dos sentidos no discurso.

O leitor é também um sujeito descentrado, já inscrito em um lugar social, a partir do qual pode ocupar distintos lugares discursivos e distintas posições-sujeito para interpretar e produzir sentidos. Logo, o ato de leitura também é realizado sob as condições de produção do leitor.

Assim, as condições de produção da leitura do DDC virtual devem ser consideradas, pois os sujeitos interlocutores também são afetados pelas novas tecnologias digitais. Cabe lembrar que a tecnologia *Web 2.0*⁵, integrante da segunda geração de serviços online, veio alargar as possibilidades de participação síncrona ou assíncrona dos sujeitos leitores internautas com outros sujeitos, a exemplo dos blogueiros, revolucionando, portanto, o que é

⁵ Posteriormente, surge a *Web 3.0*, também denominada *websemântica*, cujo formato personaliza o conteúdo de acordo com as preferências do internauta.

denominado como comunicação mediada por computador (CMC), interação, interatividade.

A interação é um termo frequentemente empregado na Linguística – sobretudo a partir da teoria da ‘Análise da conversação’ – para tratar do fenômeno da troca e do diálogo entre interlocutores. De acordo com o pensamento de Koch (1997), a interação é um processo constitutivo do fenômeno da linguagem, sendo esta concebida como atividade, como forma de ação, como lugar de interação⁶.

Essa noção também passou a ser largamente utilizada na área das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), na Educação a Distância (EaD) – para designar a comunicação desenvolvida nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) –, como também nas redes sociais, blogs e outras interfaces, os quais usam e disponibilizam a tecnologia da *Web 2.0* incorporada à navegação da internet.

Como bem assinala Grigoletto (2011), embora exista uma heterogeneidade de sentidos em torno do vocábulo interação, há uma tentativa de homogeneização do termo, de modo a produzir certa banalização do seu uso. Entretanto, sendo a linguagem um fenômeno de caráter eminentemente social, não há lugar para a homogeneização.

Considerando o quadro teórico em que se insere este estudo, nosso foco é compreender o movimento dos sujeitos e dos sentidos no discurso dos comentários do DDC do *ScienceBlogs* Brasil (2009). Essa análise ultrapassa os aspectos tecnológicos e empíricos da interlocução, ao considerar a linguagem em suas relações com a memória, com a história, com a exterioridade. A fim de ampliar o entendimento sobre esse processo discursivo, efetuamos aqui um deslocamento de sentidos do termo interação, para aplicá-lo nas situações nas quais se instaura a adesão do sujeito leitor ao efeito-leitor analfabeto-científico e à posição-sujeito projetada para ele nesse discurso, qual seja, a de consumidor de informações científicas.

Já o termo interlocução discursiva será aplicado para fazer referência ao movimento de confronto do sujeito leitor com efeito-leitor analfabeto-científico, ou seja, quando o leitor resiste à posição-sujeito a ele projetada e assume a posição-sujeito de interpretante. Para trazer mais clareza à nossa reflexão, faz-se necessária uma breve discussão sobre o conceito de interlocução discursiva.

A ‘interlocução discursiva’ é uma noção trabalhada por Indursky (2013) para analisar o

discurso dos militares brasileiros, no período da ditadura (1964-1984). Para a autora, a interlocução discursiva é um processo que se desdobra em dois níveis: a ‘interlocução enunciativa’ e a ‘interlocução discursiva’. Enquanto esta é representada pelo sujeito do discurso e institui a cena discursiva, aquela é representada pelos locutores, de forma intersubjetiva, na cena enunciativa. Porém, esses dois níveis de interlocução, dos quais decorre o processo de interlocução discursiva, trabalham de forma simultânea e articulada, ou seja, a interlocução discursiva depende da enunciativa. Nas palavras da autora:

Quando o sujeito presidencial toma a palavra na qualidade de ‘locutor’, na instância de ‘interlocução enunciativa’, mobiliza também a figura do ‘sujeito do discurso’ que não se dirige exclusivamente àqueles que presenciam/ouvem a alocução presidencial: por seu intermédio, um ‘outro’ frequentemente ausente é interpelado. Nesta segunda instância de interlocução, o sujeito do discurso, ao interpelar o ‘outro’, pouco definido e até ausente, instaura a ‘cena discursiva’ que ‘não é espacialmente determinada pelo espaço físico’ em que a alocução está ocorrendo, nem pela presença física do interlocutor. A ‘cena discursiva’ remete para o ‘cenário discursivo’ que não possui materialidade física e que é mobilizado pelo imaginário social do sujeito do discurso (Indursky, 2013, p. 168, grifos da autora).

Conforme a autora, a passagem da cena enunciativa para a cena discursiva se dá pelo viés do imaginário social do sujeito do discurso, afetado pelo inconsciente. É também pelo imaginário, afetado pelo interdiscurso, que se dá a passagem do lugar social para o lugar discursivo e posições-sujeito. Logo, a noção de imaginário é de fundamental importância para o entendimento do processo de interlocução discursiva.

Segundo Indursky (2013), a ‘cena enunciativa’, marcada por circunstâncias físicas e espaciais concretas, constitui-se de lugares sociais; já a ‘cena discursiva’ – mobilizada simultaneamente pela cena enunciativa – constitui-se de lugares discursivos e faz emergir a interlocução discursiva, realizada por sujeitos discursivos.

Neste estudo, empregamos, ainda, a noção de ‘enunciação digital’, preconizada por Xavier (2009) para pensar sobre a cena enunciativa do processo de interlocução discursiva no espaço virtual. Para o autor, a enunciação digital se institui a partir do advento do hipertexto *online*. Esse novo modo de enunciar, embora construído a partir dos modos convencionais⁷ de enunciação e afetado por eles,

⁶ Tal conceito é fortemente influenciado pela Teoria dos Atos de Fala desenvolvida por Austin e Searle, no âmbito da Filosofia da Linguagem, sendo posteriormente apropriada pela Linguística Pragmática, conforme declara Koch (1997).

⁷ Os modos convencionais de enunciar aos quais nos referimos aqui dizem

adquire características próprias e específicas viabilizadas pelas novas tecnologias, das quais destacamos o hipertexto *online*. Conforme Xavier (2009, p. 133):

[...] o modo de enunciação digital só se realiza na tela do computador ou de outro equipamento hipermídia. Aparelhos com tecnologia digital possibilitam o encontro entre todos os modos de enunciação no hipertexto.

Para este autor, os modos de enunciação já instituídos, a exemplo dos modos de enunciação verbal, visual e auditiva, “[...] são amalgamados no digital, todos se fundem nele” (Xavier, 2009, p. 111). Na enunciação digital, passa a funcionar uma textualidade eletrônica, a qual gerou transformações na ordem dos discursos (Chartier, 2002).

Assim, em nosso *corpus*, consideramos esse ‘primeiro nível’ da interlocução discursiva como uma ‘interlocução enunciativa digital’, que emerge do cenário enunciativo digital e envolve o locutor (representado pelo sujeito cientista-blogueiro), além do interlocutor coletivo (representado pelos leitores dos blogs); ao mesmo tempo, entra em cena a instância discursiva pelo cenário discursivo, mobilizado através do imaginário do sujeito do discurso, e assim se estabelece a ‘interlocução discursiva’, o segundo nível do processo (Indursky, 2013).

Grigoletto (2011), ao analisar o discurso dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), traz a noção de interlocução discursiva para a análise desse processo no espaço virtual, mas mantém o termo interação para nomear apenas a relação homem/máquina. O movimento de interação se processa, segundo a autora, a cada *click* do *mouse*, a fim de atender a um comando da máquina, enquanto a interlocução se instaura no momento em que os sujeitos passam a subjetivar-se, a assumir posições no processo discursivo. Conforme o estudo, a interação e a interlocução discursiva, mesmo operando de forma intrincada ao funcionamento do discurso virtual dos AVAs, não são noções opostas, mas se distinguem, porque dizem respeito a processos distintos, embora interligados e interdependentes. Nessa perspectiva, a interação se restringe apenas aos aspectos tecnológicos do processo de troca e não dá conta do processo discursivo, embora ambos funcionem intrinsecamente.

No entanto, como já assinalado, a nossa abordagem sobre a interação e a interlocução discursiva diz respeito aos distintos movimentos do

sujeito leitor na relação estabelecida com o efeito-leitor, no discurso dos comentários do DDC do Sb.br.

Vejamos então, como se dá esse funcionamento. Nesse discurso, o efeito-leitor analfabeto em ciência é central e, ao mesmo tempo, determina e sofre determinações do DDC e da mídia virtual (Cortes, 2015). Desse modo, a trama discursiva é tecida, sobretudo, a partir da tensão instaurada entre o efeito-leitor analfabeto em ciência e o efeito-leitor especialista. A partir do imaginário do leitor internauta⁸, considerado leigo em ciência, se institui o efeito-leitor analfabeto em ciência; e a partir do imaginário do blogueiro-cientista e do leitor cientista – este também frequenta o espaço dos blogs do ScienceBlogs Brasil – institui-se o efeito-leitor especialista.

Na seção de comentários dos blogs, o leitor internauta também é interpelado em sujeito do discurso, ao ocupar o lugar discursivo de autor, por meio das postagens. No entanto, paradoxalmente, a participação dos leitores é constituída, em sua maioria, de cientistas, enquanto a participação dos leitores leigos se dá, frequentemente, quando são ‘caçados’ por meio do paraquedismo⁹ ou quando o tema do *post* já foi bastante abordado na mídia televisiva, redes sociais, etc. Embora tal participação possa ser considerada tímida, do ponto de vista de uma reversibilidade efetiva nos assuntos científicos, nesse processo tanto pode instaurar-se a ‘interação’ – na acepção de sentidos aqui empregada ao termo –, como também a ‘interlocução discursiva’. É o que vislumbramos, por exemplo, na seção de comentários do *post* denominado *O gelo da Antártica está aumentando. Então aquecimento global não existe?*, publicado em 21/04/2009, no blog ‘Discutindo ecologia’ (Bento, 2009). A seguir, mostramos um trecho desse *post* na sequência discursiva SD2:

O gelo da Antártica está aumentando. Então Aquecimento Global não existe?¹⁰

Afirmações próximas a que intitula este post povoaram os grandes blogs de ‘céticos do clima’ nos últimos dias. Até na mídia tradicional tivemos reportagens sobre o assunto. Mas é claro que tudo não passa da boa e velha pseudociência.

Sim, grande parte do gelo da Antártica está aumentando ao invés de diminuir (diferente do gelo

respeito aos processos de enunciação verbal ou não verbal, isto é, não envolvem a tecnologia digital nem o hipertextual *online*, embora também sejam constituídos por outras tecnologias da escrita, que também afetam a tecnologia digital.

⁸ Diz respeito ao leitor internauta integrante do público-alvo do ScienceBlogs Brasil.

⁹ O termo ‘caçados’ deriva do processo denominado caça-paraquedismo, que consiste em atrair e ‘fiscar’ o internauta visitante por meio de sites de busca da internet; este ‘cai’ no blog, acidentalmente. No caso do ScienceBlogs Brasil, o caça-paraquedismo praticado é uma estratégia adotada para atrair leitores leigos em ciência aos blogs, a exemplo do *post* denominado *Blogagem coletiva: cientista também caça-paraquedista*, publicado em 20/08/2009, no blog Raio X (Scienceblogs Brasil, 2009).

¹⁰ Disponível em: http://scienceblogs.com.br/Discutindoecologia/2009/04/o_gelo_da_antartica_esta_aumen/Acesso em 05/10/2012.

do 'ártico') nos últimos meses. Isso de alguma forma pode refutar os argumentos favoráveis ao aquecimento global? Claro que não. Primeiro porque o IPCC e nenhum cientista sério do mundo defende que o aquecimento global corresponde a um aumento da temperatura de todo o planeta. O que aumentará (já aumentou e continuará aumentando) é a temperatura 'média' global. Desta forma, dependendo de fatores regionais, as mudanças climáticas decorrentes do aquecimento global podem trazer consequências bem diferentes para cada região do planeta. Ainda mais no caso da Antártica. [...] (Bento, 2009, grifo do autor).

Vejamos o seguinte recorte dos comentários efetuados acerca da SD2: Recorte 1 - Sequências Discursivas dos Comentários (SDCs¹¹ 1 a 4).¹²

SDC1- G. '4 de junho de 2009 às 10:09- oii na minha opiniao o aquecimento globau esta se referindo lixo, carros Etc

SDC2- S. 21 de outubro de 2009 às 19:01- Bem 'colegas', eu não acredito que exista um buraco na camada de ozônio isso significaria uma morte global de um superaquecimento instantâneo, como por exemplo, marte um planeta depois da terra e dito que de dia ele atinge 7° C durante o dia isso porque ele esta a não sei quantos bilhões de quilômetros do sol, e lembrando que em Marte não possui camada de ozônio, mas em minha teoria acredito que seria mais justificativa do que possa existir um buraco, vou dar um pequeno ex. de 'minha teoria': Imagine uma bexiga de ar diretamente em contato com o raio solar, relativamente cheia, ok, o que acontece de enchermos de ar? Ela ira encher logicamente. Mas eu te pergunto a temperatura dentro da bexiga ira continuar sendo a mesma depois de suas extremidades terem sido dilatados? Essa é a questão! O que na 'minha teoria' seria que: Quando os gases carbônicos chegam à atmosfera eles alteram a densidade do campo fazendo a camada de ozônio dilatar, assim gerando em proporção uniforme o aquecimento global. Como o desmatamento vem crescendo a terra não está tendo condições de suprir todo esse gás que afeta a camada de ozônio, assim não deixando a camada ser novamente como era, hoje com vários apelos a poluição tem diminuído, e como estão vendo no tópico a cima está tudo voltando ao que era. Só depende de você! 'Se quiserem explicações mais afundo tenho outro exemplo claro e mais convincente me mande um e-mail e estarei pronto para enviar o trabalho' (grifo nosso).

SDC3- B. 2 de março de 2010 às 12:42- Super Interessante, gostei muito do blog, obtive muitas

informações!

SDC4 C. "Leigo" 19 de junho de 2012 às 5:01- Olá, não tenho nenhuma capacitação acadêmica no assunto, porém como leigo e cidadão, decidir buscar o conhecimento do tema Aquecimento Global, fato que despertou meu interesse ao assistir 'Uma Verdade Inconveniente de Al Gore'. Fiquei muito preocupado e pela falta de informação precisa na mídia, fui buscar na ciência os fatores, preventivos e as consequências, enfim . . . de lá pra cá percebi que o que antes era tratado como uma questão ambiental, movida por pessoas do ramo junto a população foi modificando, virando medidas econômicas e 'vejo que o AQUECIMENTO GLOBAL não é uma unanimidade no mundo científico' [...] (Bento, 2009, grifo nosso).

O tema 'aquecimento global' é bastante abordado na mídia – sobretudo, na mídia televisiva – e por essa razão despertou o interesse também de leitores leigos. No entanto, eles não têm conhecimento suficiente para dialogar com o sujeito cientista-blogueiro e estabelecer a crítica do conhecimento científico, a exemplo do que acontece no comentário da SD2, cujo autor ocupa o lugar social de cientista.

Desse modo, nesse recorte se instituem 'três cenas discursivas', quais sejam: 'Cena I' – constituída pelas SDCs 1 e 3; 'Cena II' – constituída pela SDC2; e 'Cena III' – constituída pelas SDC4.

Na 'Cena I' (SDCs 1 e 3) institui-se apenas uma interação, posto que o sujeito leitor até interage, pois marca sua presença ali na discussão, mas não estabelece uma interlocução efetiva no processo, não consegue discutir o tema abordado no *post*, permanece nas vagas informações já ouvidas na mídia. Ele também não questiona, não manifesta interesse ou desejo em saber mais acerca do assunto. No discurso, não há movimentos de resistência do sujeito leitor aos sentidos já instituídos, e assim instaura-se a adesão ao efeito-leitor analfabeto-científico, como também à posição-sujeito de consumidor de informações da ciência, uma posição-sujeito já projetada ao leitor dos blogs de divulgação científica (DC), graças ao imaginário discursivo desse leitor.

Na 'Cena II', instituída pela SDC2, instaura-se um funcionamento distinto, pois o sujeito leitor fala do lugar social de cientista, um dos pares do blogueiro, se dirige aos seus interlocutores como 'colegas', aqui entendidos como os demais cientistas em discussões sobre o assunto em uma perspectiva científica:

Bem 'colegas', eu não acredito que exista um buraco na camada de ozônio isso significaria uma morte global de um superaquecimento instantâneo, como por exemplo, marte um planeta depois da terra [...] (Bento, 2009, grifo nosso).

¹¹ Usaremos a sigla SDC (Sequência Discursiva dos Comentários) para diferenciá-la das SDs (Sequências Discursivas) dos *posts* publicados nos blogs.

¹²Disponível em: http://scienceblogs.com.br/discutindoecologia/2009/04/o_gelo_da_antartica_esta_aumentando/. Acesso em 05/10/2012. Nestes trechos também mantivemos a grafia original dos textos publicados nos blogs.

Esse sujeito-leitor se identifica, portanto, com a formação discursiva (FD) da ciência, demonstra, por meio dos comentários, possuir certo grau de conhecimento relacionado ao tema abordado. Ele se inscreve no lugar discursivo de 'autor', declara ter construído uma teoria sobre o tópico abordado:

[...] vou dar um pequeno ex. de 'minha teoria' [...] O que na 'minha teoria' seria que: Quando os gases carbônicos chegam à atmosfera [...] 'Se quiserem explicações mais a fundo tenho outro exemplo claro e mais convincente, me mande um e-mail e estarei pronto para enviar o trabalho' (Bento, 2009, grifo nosso).

Ressaltemos que sua teoria sobre o aquecimento global acrescenta argumentos supostamente científicos ao texto. Assim, identificado com a FD da ciência e com a FD da divulgação científica, adere ao 'efeito-leitor especialista', como também assume a posição-sujeito de 'interlocutor de ciência', uma posição 'já projetada' no DDC do blog intrinsecamente ao efeito-leitor 'especialista'. O efeito-leitor especialista já convoca esse leitor à discussão, à interlocução efetiva dos assuntos científicos, e desse modo restringe esse espaço apenas a um grupo seleto de pesquisadores e estudiosos do conteúdo publicado no *post*. Isto é, no dito do DDC virtual de 'quebrar as barreiras' existentes entre a ciência e a sociedade, se inscreve o não dito da segregação científica, pois tais barreiras não só permanecem funcionando, como são ainda mais consolidadas. Mas, afinal, qual a razão de ser da divulgação científica, o leitor especialista ou o leigo?

Por outro lado, a 'Cena discursiva III' se materializa na SDC4, na qual o sujeito leitor se autoneomeia 'leigo' e, atravessado pelo interdiscurso, antecipa uma autoimagem de 'incapaz' e, ao mesmo tempo, projeta o imaginário de sujeito capacitado ao seu interlocutor, o cientista:

C. Leigo – 'não tenho nenhuma capacitação acadêmica no assunto' [...] Fiquei muito preocupado e pela falta de informação precisa na mídia, 'fui buscar na ciência' os fatores, preventivos e as consequências [...] (grifo nosso).

Portanto, o discurso do leitor é atravessado por esse duplo imaginário, e também pelo imaginário social da mídia, como lugar não-autorizado para tratar de assuntos científicos, em contraponto ao imaginário social da ciência, enquanto lugar legítimo e autorizado para abordagens científicas. Nesta cena, o sujeito-leitor, mesmo na condição de leigo, não fica apenas na interação, mas avança em direção à 'interlocução discursiva', já que ousa questionar os dizeres e conteúdos do *post*.

Mesmo afetado pelo lugar social de leigo, ele se inscreve no lugar discursivo de autor e consegue confrontar os sentidos já ditos, como podemos

verificar no seguinte excerto do comentário da SDC4: "[...] vejo que o Aquecimento Global não é uma unanimidade no mundo científico [...]" desse modo não se dá a adesão ao efeito-leitor analfabeto em ciência, nem tampouco à posição-sujeito de consumidor de informações científicas, pois ocupa a posição-sujeito de interpretante, ao questionar a unanimidade do pensamento científico em relação ao tema do 'aquecimento global'. O funcionamento desta posição-sujeito também consta no estudo de Grigoletto (2005) e, de acordo o pensamento da autora, o sujeito interpretante produz um movimento de resistência à posição de interpretado, de leitor ideal, e, assim, diz respeito "[...] não mais ao leitor virtual, mas sim do leitor real que está autorizado, pela função-autoria, a produzir gestos de interpretação próprios ao texto que leu, já que está assumindo a responsabilidade pelo seu dizer" (Grigoletto, 2005, p. 243).

Esse movimento de resistência aos sentidos já ditos, pelo viés da posição-sujeito de interpretante ocupada pelo leitor e comentarista dos blogs, é, portanto, o que caracteriza a interlocução discursiva em contraste com a interação, conforme já enfatizado aqui.

Dessa forma, o sujeito leitor da Cena III (SDC4) resiste à posição de 'interpretado' ao desconstruir o efeito de unidade imaginária do conhecimento científico, ao tempo em que institui no discurso outro efeito de sentido, o de 'des-homogeneidade científica'. Confrontar e desconstruir efeitos de sentidos são constitutivos do trabalho da interpretação, pois este,

[...] enquanto gesto clínico que desloca sentidos, que vai através da materialidade discursiva, desconstruindo os efeitos do já dito, em direção a uma outra significação, ainda inédita ao olhar do clínico (Orlandi, 2004, p. 20).

Entretanto, sendo o DDC tão autoritário quanto o discurso científico, o sujeito cientista-blogueiro produz uma tréplica ao leitor e não aceita o confronto de sentidos, mas insiste na visão de ciência homogeneizada, como aponta a sua resposta ao leitor:

[Resposta do Blogueiro à SDC4]- L. B. - Olá C., Gostaria muito de saber sua fonte de informação para dizer que o aquecimento global não é uma unanimidade no meio científico. Ele pode não ser na mídia, que trata qualquer assunto científico de forma superficial, mas no meio científico é um consenso a bastante tempo. Escrevi sobre isso neste post. Se 98% dos pesquisadores que trabalham com aquecimento global não é consenso, eu não sei mais o que é (Bento, 2009)¹³.

¹³ Assim como nos trechos anteriores, mantivemos a grafia como publicada nos blogs.

Assim, o sujeito blogueiro, ao se inscrever no espaço dos comentários, ocupa o lugar discursivo de moderador da leitura e também a posição-sujeito de controlador da leitura, pois não aceita questionamentos, sobretudo quando eles são feitos por um leitor leigo. E, mesmo sendo este leitor a razão da existência do blog de divulgação científica, há uma tentativa de apagar a sua interpretação.

A construção do DDC é, pois, guiada pelo efeito-leitor analfabeto-científico, um efeito construído e sustentado pelo imaginário do lugar social do leitor, a saber, o lugar de leigo. Como já enfatizamos neste estudo, o lugar social é efeito da divisão social instituída pelo modo de produção capitalista (Pêcheux, [1973] 2011), que também determina a divisão social da leitura de arquivos (Pêcheux, [1982] 2010b), ou seja, uma divisão social de interpretantes e interpretados, sendo estes considerados incompetentes e incapazes. Sobre esse funcionamento, Orlandi pontua o seguinte:

Pela divisão social da leitura, os gestos de interpretação são já determinados, os sítios de significância são 'previstos'. A ordem (necessária) se apresenta como organização (imaginária) dos sentidos. [...] Com efeito, pela noção discursiva de arquivo podemos apreender o gesto que, na história, 'separa, divide o direito à interpretação e trabalha os modos de gerenciá-la'. Isto nos indica que contrariamente aos que alocam os sentidos nas palavras, para nós, os sentidos são, como diz Canguilhem (1980), 'relação a'. Para que a língua faça sentido é preciso que a história intervenha. E com ela o equívoco, a ambiguidade, a opacidade, a espessura material do significante (Orlandi, 2004, p. 66-67, grifo nosso).

Assim, esta divisão funciona no *ScienceBlogs* Brasil pelo viés da tensão estabelecida entre o efeito-leitor especialista e o efeito-leitor analfabeto-científico. Logo, o projeto – cujo lema é quebrar as barreiras que afastam a ciência da sociedade, como vimos no recorte da SD1 – é somente uma evidência discursiva, afinal, essas barreiras jamais serão quebradas enquanto o leitor estiver restrito ao lugar da interação e confinado à posição de consumidor de informações científicas.

Considerações finais

Sob a evidência do dito de se ampliar a divulgação científica, temos no DDC do *ScienceBlogs* Brasil um não dito de manter a ciência 'guardada' em suas muralhas.

O imaginário de leitor leigo determina o efeito-leitor analfabeto em ciência, projetado nesse discurso. Logo, o DDC, ao funcionar sob esse efeito-leitor, não institui a interlocução do leitor leigo com a ciência, mas perpetua a sua exclusão. A condição do leitor dos

blogs do *ScienceBlogs* Brasil é de um leitor 'sem-fala', pois sua voz é censurada e silenciada, a exemplo da réplica do blogueiro à SDC4. Institui-se, pois, uma relação assimétrica, sem reversibilidade, isto é, o DDC acaba por ser um discurso autoritário (Orlandi, 2011). Ao leitor 'comum', ou leigo, é negado o acesso aos arquivos da ciência.

Nesse jogo discursivo, também funciona o efeito-leitor especialista, que restringe a interlocução no interior dos muros e 'caixas pretas' da própria ciência (Latour, 2000), e exclui o leitor leigo (este já está do lado de fora desse processo!), ao qual resta apenas ouvir os ecos, notícias e manchetes da ciência.

Dessa forma, a interação, no campo da AD, pode não significar necessariamente um processo de interlocução. A interação, além da relação homem-máquina (Grigoletto, 2011), é aqui empregada para denominar a participação do leitor na seção de comentários dos blogs do Sb.br, num movimento de adesão ao efeito-leitor analfabeto-científico, projetado no discurso, como também à posição-sujeito de consumidor das informações científicas. Esse leitor se inscreve no espaço do blog, mas não se inscreve no processo da interlocução com a ciência e a divulgação científica.

Mas, felizmente, a exemplo da SDC4, pela qual se instaura a Cena III, também há o leitor que resiste ao efeito-leitor analfabeto-científico, resiste à posição-sujeito de mero consumidor de informações da ciência e confronta os sentidos, que sempre podem ser outros. Esse leitor, mesmo sendo leigo em ciência, questiona os saberes apresentados nos blogs com outras leituras efetuadas e/ou experiências vividas; apresenta interesse em saber mais e até ousa discordar dos conteúdos e posicionamentos apresentados nas postagens. Nesse cenário institui-se um avanço no funcionamento do discurso, pois o sujeito leitor, ao ocupar a posição-sujeito de interpretante, resiste à ideologia da verdade absoluta do DDC, ultrapassa a simples interação e chega à interlocução discursiva.

Referências

- Bento, L. (2009). *O gelo da Antártica está aumentando. Então Aquecimento Global não existe?* Recuperado de http://scienceblogs.com.br/discutindoecologia/2009/04/o_gelo_da_antartica_esta_aumen/
- Chartier, R. (2002). *Os desafios da escrita* (F.M.L. Moretto, trad.). São Paulo, SP: Unesp.
- Cortes, G. R. O. (2015). *Do lugar discursivo ao efeito-leitor: a movimentação do sujeito no discurso em blogs de divulgação científica* (Tese de doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Courtine, J-J. (2009). *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos, SP: Edufscar.

- Ferreira, A. B. H. (1986). *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Foucault, M. ([1969] 2012). *A arqueologia do saber* (8ª ed., L.F.B. Neves, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Grigoletto, E. (2011). O discurso nos ambientes virtuais de aprendizagem: entre a interação e a interlocução. In E. Grigoletto, F. S. Nardi, & C. R. Schons (Org.), *Discursos em rede: práticas (re) produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço* (p. 47-78). Recife, PE: Editora Universitária.
- Grigoletto, E. (2005) *O Discurso de divulgação científica: um espaço discursivo intervalar*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Indursky, F. (2013). *A fala dos quartéis e outras vozes* (2ª ed.) Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Indursky, F. (2010). O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In E. P. Orlandi, & S. Lagazzi-Rodrigues (Org.). *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade* (p. 33-80). Campinas, SP: Pontes.
- Indursky, F. (2009). A escrita à luz da análise do discurso. In A. Cortina, & S. M.G.C. Nasser. *Sujeito e linguagem* (p. 117-131). São Paulo, SP: Cultura Acadêmica.
- Koch, I. V. (1997) *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo, SP: Contexto.
- Latour, B. (2000) *Ciência em ação e: como seguir cientistas engenheiros sociedade afora* (I.C. Benedetti, trad.). São Paulo, SP: Unesp.
- Orlandi, E. P. (2012) *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo, SP: Pontes.
- Orlandi, E. P. (2011) *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo, SP: Pontes.
- Orlandi, E. P. (2004). *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP: Pontes.
- Orlandi, E. P. (2001) . Divulgação científica e efeito leitor: uma política social urbana. In E. Guimarães (Org.). *Produção e circulação do conhecimento: Estado, mídia e sociedade*. (p. 21-30). Campinas, SP: Pontes.
- Orlandi, E.P. (1988). *Discurso e leitura*. São Paulo, SP: Cortez.
- Pêcheux, M. ([1973] 2011). A aplicação dos conceitos da linguística para a melhoria das técnicas de análise de conteúdo. In E. P. Orlandi (Org.) *Análise de discurso: Michel Pêcheux* (p. 203-226). São Paulo, SP: Pontes Editores.
- Pêcheux, M. ([1969] 2010a). Análise automática do discurso: (AAD-69). In F. Gadet, & T. Hak. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (p. 59-106, 4ª ed., B. S. Mariani et al, trad.). Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Pêcheux, M. ([1982] 2010b) Ler o arquivo hoje. In E. Orlandi (Org.), *Gestos de leitura: da história no discurso* (p. 49-59). Campinas, SP: Unicamp.
- Pêcheux, M. ([1975] 2009). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (4ª ed., E.P. Orlandi et al, trad.). Campinas, SP: Unicamp.
- Pêcheux, M. (2008.) *O discurso: estrutura ou acontecimento?* (5ª ed., E.P.Orlandi trad.) Campinas, SP: Pontes.
- Pêcheux, M., & Fuchs, C. ([1975] 2010). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In F. Gadet, & T. Hak. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (p. 159-249, 4ª ed., B. S. Mariani et al., trad.). Campinas, SP: Unicamp.
- Scienceblogs Brasil (2009). Blogagem coletiva: cientista também caça-paraquedista. *Blog Raio X*. Recuperado de http://scienceblogs.com.br/raiox/2009/08/blogagem_coletiva_cientista_ta/
- Xavier, A. C. (2009). *A era do hipertexto*. Recife, PE: Editora Universitária.

Received on October 6, 2016.

Accepted on February 1, 2018.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.